

A televisão nossa de cada dia

Raymundo de Lima*

Uma recente pesquisa revela que crianças acima de 7 anos preferem assistir novelas e filmes de adultos, mas, curiosamente, não preferem os filmes violentos. Será que surge uma nova geração avessa à cultura da violência imposta primeiramente pelos filmes e a televisão?

Outra pesquisa divulgada pelo Observatório da Imprensa, em 2000, apontou que 53% dos pais não conseguem controlar a TV dos seus filhos; 78% sentem-se constrangidos quando estão acompanhados da criança diante de cenas de insinuação de sexo.

A televisão hoje é o maior lazer para mais de 80% da população brasileira. Ler livros, jornais, revistas, deu apenas 18%, segundo levantamento feito em 21/11/99. A falta de dinheiro e a sensação de insegurança são apontadas como principais motivos para as pessoas ficarem grudadas n'algum aparelho que tem tela (TV, computador, videogames, internet)

Uma pesquisa, publicada bem antes da era Ratinho, considerado o pai da nova comunicação do grotesco, concluía que só em *uma semana* foram disparados **1940 tiros** nas telas de TVs, houve 886 explosões, 651 brigas, 1145 cenas de nudez, 233 trombadas de carro, 188 referências a trejeitos homossexuais e 72 palavrões ou termos chulos. Pesquisa semelhante nos EUA mostrou que um telespectador de 18 anos terá visto 3200 cenas de homicídios e 250.000 atos violentos na TV.

*Pais, professores, autoridades, as próprias crianças e jovens conscientes desse problema, se perguntam: **Que fazer com a televisão nossa de cada dia?***

Basta criarmos um dia ou uma semana de jejum televisivo, seguindo o exemplo dos norte-americanos? Ou temos que discutir e pensar outros caminhos - mais éticos e menos moralistas - para administrarmos nosso costume de assistir TV, jogar os games eletrônicos ou usar o computador-internet? Que linha de pensamento e ação poderíamos adotar, subjetiva ou coletivamente?

A televisão tem ligação com a atual onda de violência social ou não?

Começando pela última colocação, à primeira vista, parece que não. Há um argumento que declara que a violência praticada pelos seres humanos vem muitíssimo antes do cinema, da televisão e dos videogames. Alguns observam que a violência daquela época sem TV era a mesma de hoje.

Jô Soares, que antes de tudo é um homem comprometido com a ideologia da mídia capitalista, não perde a oportunidade de defender essa tese: A televisão deve continuar mostrando tudo, sem limites, visto que essa é a realidade social e porque não se pode esconder as tendências humanas - demasiadamente humanas, diria Nietzsche - também para o mal.

Entretanto, **crece o número dos que pensam diferente**. Seu contra-argumento declara que *não podemos continuar nos submetendo à cultura da violência que tem na mídia o seu principal agente ideológico*. Assim como a humanidade, após a 2ª guerra mundial, soube encontrar o caminho dos Direitos do Homem, também haveremos de *fundar uma cultura da paz*, começando uma nova ética na programação da mídia e uma nova ética na educação escolar e no lar, que não só desarme os arquétipos guerreiros que parecem habitar em todos os povos, mas que faça com que *nos sintamos responsáveis pela atual onda de violência*.

Surge uma nova consciência? A tendência atual é criar uma atitude pela paz.

Crescem os números de comprovações baseadas em critérios científicos, mais ou menos independentes em relação aos interesses ideológicos de mercado, de que o telespectador exposto à violência tende a encarar qualquer brutalidade sem traumas e ele próprio é estimulado a ser mais violento. Em outras palavras, alguém que assistiu repetidas cenas fictícias de estupro *tende a ficar mais insensível diante de outras cenas de estupros*.

Trabalhamos com a hipótese de que qualquer sujeito *dessensibilizado* poderá ficar predisposto ao impulso violento, o que os psicanalistas chamam de *passagens aos atos*.

Esse alerta vai contra posicionamentos dos psicólogos dos anos 70 os quais entendiam que vivências de cenas de violência liberavam o "demônio" interno das pessoas. Uma vez "libertada" a coisa má, a pessoa estaria como que "vacinada", caindo assim a probabilidade dela cometer atos violentos.

Da ficção para a cruel realidade, existe ainda muita gente de conhecimento (mas, não de sabedoria) que acredita que a violência e sexo na TV ou na mídia em geral, são psicoprofiláticos para o povo. Nos anos 70, essa era a crença científica positivista dominante. Entretanto, com o amadurecimento das observações e da discussão, as **novas pesquisas provaram que essa teoria era falsa, ideológica e oportunista**.

Seu interesse mercadológico se aproveitava das pulsões perversas atuantes em todo ser humano para obter mais pontos no Ibope, canalizar os êxtases obtidos nas

propagandas em respostas positivas de consumo.

*Psicanalista. Professor Universitário.
E-mail: ray_lima@uol.com.br

- ❖ *É sua família que controla o tempo que quer dispor vendo TV e usando a internet? ou são a TV e a internet que controlam a sua família?*
-